

tiva de preencher, ou da menina que não consegue comer porque lhe faltam razões? Ou ainda daqueles que acham que a justiça virá dos céus?

Aos outros, os não detentores do poder, há sempre uma desqualificação de seu lugar, de sua experiência. Uma experiência é um saber que tem uma teoria, que sabe viver, que retrata a vida e é um saber construído na luta do dia-a-dia, muitas vezes longe dos bancos escolares, longe das instituições oficialmente montadas para disciplinar e normatizar. É assim que essa própria estrutura de poder, a que as camadas populares estão submetidas, servirá de alavanca para as muitas resistências que podem aparecer das mais diversas formas. Todo poder provoca uma resistência.

Foucault (2003)², ao responder àqueles que o criticam argumentando que ao colocar o poder em toda parte estaria excluindo qualquer possibilidade de resistência, argumentou: "Quero dizer que as relações de poder suscitam necessariamente, apêlam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência".

Essa resistência está presente nas muitas possibilidades criadas para se conseguir viver numa sociedade de apelo ao consumo sem se ter possibilidade real de consumir, de (des)valorização das relações pessoais em nome do mercado, da superficialidade dos contatos e da fragilidade dos afetos, da ausência de possibilidade criativa e acesso à arte. Resta marcar-se, imprimir-se num estilo musical, no corpo, nas roupas, nas palavras novas, nas militâncias. Radicalizar, ousar, enfrentar as normas custe o que custar. "A possibilidade de o sujeito singular escapar das classificações, da cristalização das identificações, do que é normatizado como o esperado para seu

realização de desejos particulares, de equivocada seleção de objetivos e metas a serem alcançadas, sempre que se posicionam como local de saber de uma elite em detrimento de um saber coletivo construído na experiência.

Os procedimentos e normas podem conspírar para o apagamento da cultura popular, desde sua ausência nos documentos ali guardados, até sua ausência de instâncias de poder que contribuiriam para positivar sua atuação.

Deixar falar, dizer de si, inscrever-se, são formas de (auto)ritizar uma existência na sua expressão, coisa que pode significar grandes mudanças, muitas vezes temidas pelos que estão nesse lugar de poder. No mesmo artigo citado, Deleuze afirma: "Se as crianças conseguissem fazer entender seus protestos em um maternal, ou mesmo simplesmente suas questões, isso bastaria para causar uma explosão no conjunto do sistema de ensino (Ibid. p.40)". E os pobres, os analfabetos, os operários, os negros, as mulheres, os adolescentes em conflito com a lei, as crianças abusadas ou exploradas sexualmente, os artistas, os educadores, os usuários do serviço de saúde, os idosos, entre muitos outros...? Como podemos ouvir o que têm a dizer? Isso só poderá acontecer se considerarmos que essas pessoas têm algo a dizer, caso contrário, pela nossa ocupação de um lugar de poder, com um saber posto, constituído, nada terão a acrescentar.

Quais outros protestos estamos conseguindo ver, ouvir, sentir? Na estrutura saber-poder na qual estamos assentados, há lugar para ouvirmos os adolescentes que querem aquilo que a mídia vende e que outros meninos de sua idade têm? E os idosos que são dopados com antidepressivos em lugar de serem saciados em sua dor pela companhia de um outro? Há lugar para ouvir aqueles que só estão encontrando prazer no uso das drogas sejam as lícitas ou as ilícitas? Daquele que come vorazmente, talvez na tenta-



Vista externa do Arquivo
Fonte: Acervo do Arquivo Público

Saber-poder: essa dupla que faz esquecer

MARIA TERESA DE ARRUDA CAMPOS

Psicóloga, pedagoga, mestre e doutoranda pela Faculdade de Educação da Unicamp. Superintendente do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, SP, desde janeiro de 2009.

olhasse para a vida de forma a contemplar os muitos saberes ali produzidos.

Deleuze, numa entrevista a Foucault, em 04 de março de 1972, intitulada "Os Intelectuais e o Poder"¹, assim aborda a questão do poder no bojo de uma sociedade em ebulição: "Em toda parte onde há poder, o poder se exerce. Ninguém, para falar com uma certa propriedade, é seu titular; no entanto, ele se exerce sempre em uma certa direção, com uns de um lado e outros do outro; não se sabe ao certo quem o tem; mas se sabe quem não o tem (p.44)".

E assim que um equipamento como um arquivo público também pode se servir ao poder, um poder que quer apagar as diferenças, que descumpra sua função, que se deixa ser usado como local de guarda dos feitos das elites, que confunde o que é público com o que é privado. Um Arquivo também é local de uso indevido de recursos, de uso desse recurso para

Por muito tempo os arquivos públicos e históricos tiveram o papel de "guardar" a história das muitas comunidades, de seus moradores, de suas lutas. Guardaram tão bem que muitas delas ficaram esquecidas.

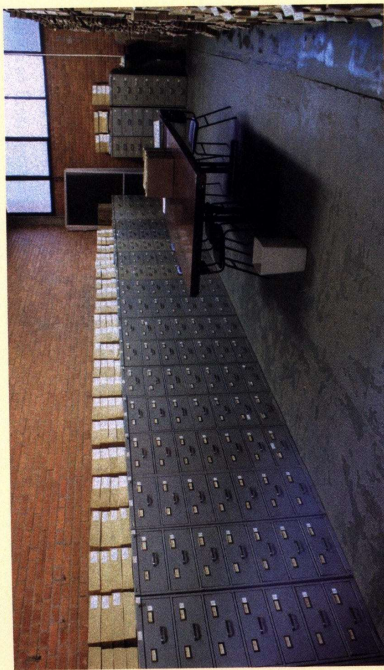
Um arquivo é um lugar onde são guardados e produzidos saberes e, por isso mesmo, acaba sendo um instituidor do que deve ser considerado saber e do que está fora desse conceito. O saber é um dos poderosos controles que fazem com que a sociedade continue sendo regida, controlada por aqueles que a detém. Assim, todo o esquema de funcionamento da sociedade passa pelos letrados, pelos estudados que, muitas vezes, deixam de lado o saber da vida, o saber da experiência.

Essa dicotomia entre a prática e a teoria foi muito discutida e graças a esforços de acadêmicos e pressão da sociedade civil, muita coisa tem mudado. O movimento social ajudou a politizar essa discussão dentro da academia e cobrou que esta

1] Foucault, M. Os Intelectuais e o Poder. In: Ditos e Escritos IV. Estratégia Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 37-47.
2] Ibid., p. 232.



Vista parcial da sala de documentação permanente
Fonte: Acervo do Arquivo Público



Vista parcial do depósito de documentação intermediária
Fonte: Acervo do Arquivo Público

enquadramento é tarefa que exige um trabalho sobre si mesmo que muitas vezes não se torna possível.²³

Assim, podemos trabalhar no sentido de criar espaços de resistência dentro de um equipamento público e reverter a história, abrindo espaços para que novas histórias possam ser contadas e assim, a partir dessa possibilidade de fazer-se resistir às relações de saber-poder, outras verdades possam aparecer.

As verdades são enunciadas pelos procedimentos socialmente reconhecidos como científicos e veiculadas pelos sistemas de informações. Quando só um tipo de música é veiculado nas rádios, quando um tipo de programa está na TV das salas com muita frequência, quando a moda está representada nas telenovelas de sucesso, muitas pessoas passam a acreditar naquele modelo, naquelas verdades como sendo "a verdade".

Mariguela e Souza (2007) bem abordam essa questão quando afirmam: "A verdade é, pelo contrário, uma fabricação social, com base em certos condicionantes históricos, e exerce sobre o indivíduo e a população um quantum, mais ou menos intenso, de poder. A verdade é, pois, deste mundo; é efeito de poder e ao mesmo tempo lugar de sua produção"²⁴.

Uma verdade que sempre se fez presente foi a de acreditar que o povo não tem condições de escrever, de registrar sua história. Dizem que ele não é suficientemente culto para isso. Essa verdade de que a sabedoria passa pelos bancos escolares precisa ser desconstruída e em seu lugar ser revisto o papel do intelectual que passaria a ser o de contribuir para que os saberes locais possam se fazer ouvir.

Dessa forma, o Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, pretende cumprir seu papel de ser um facilitador para que as vozes emudecidas possam se fazer ouvir, para que o dinheiro público possa ser utilizado para o bem público, para que as razões de viver possam aparecer e fazer sentido a todos que compõem a sociedade, mas que ficaram à sua margem.

Que o bloco da história saia no Carnaval da vida levando estandartes que contêm aqueles que tiveram a oportunidade de se intelectualizar e aqueles que detêm o saber, fruto da vivência, aqueles que, mesmo longe dos bancos escolares, puderam sistematizar suas experiências em sabedorias. Esse é um caminho para podermos nos incluir entre os que se denominam humanos. ♦

Para comemorar seus 30 anos, o Arquivo se faz presente cumprindo seu papel nos projetos:

- Criação do Portal Memória Viva: Arte, Cultura e História.
- Realização do Batepapo Cultural: Encontro mensal de pensar a vida.
- Nomeação do Conselho Editorial do Arquivo para avaliação da produção de livros acadêmicos, históricos, agendas, cartilhas, revistas e outros
- Realização do Concurso "Rio Claro revela sua história": para ampla participação popular na ampliação do Acervo
- Criação de Grupos de Trabalho para pesquisas e produção de material
- Participação ativa no Movimento Social e em Conselhos
- Digitalização e Informatização de Acervo: democratização do saber
- Melhoria nas condições de trabalho dos funcionários visando a excelência do serviço público.

Rio Claro revela sua história: olhares para o patrimônio histórico

MARIA TERESA DE ARRUDA CAMPOS

Olhar para a cidade, para seus detalhes, para sua gente, para sua arquitetura pode ser um elemento importante na promoção do sentimento de pertencimento que contribui para com o cuidado com sua história. Assim, a cidadania pode sair da intenção e do papel e ser a possibilidade de conviver, compartilhar e ter, para consigo e para os outros atitudes de respeito, de criação, reconhecimento e cuidado.

Pensando nessas questões o Arquivo Público e Histórico inicia uma série de cursos que pretendem "revelar" as muitas realidades de nossa cidade. Esse 1º Concurso Fotográfico teve a intenção de resgatar alguns dos prédios que fizeram parte da nossa história e que estão presentes na cidade. Muitos outros não tiveram a mesma sorte e hoje são estacionamentos, bancos, lojas. Foram derrubados legal ou criminosamente, trocados pela especulação imobiliária que olha os lucros esquecendo-se do valor histórico. Muito das dificuldades que vivemos na atualidade se sustentam nessa lógica do comércio desmedido e interesseiro.

3] CAMPOS, M. T. A. "A Adolescência Inventada e os Sujeitos que se Inventam na Participação Social: Capturas e Rupturas". Dissertação de mestrado, FE-UNICAMP, disponível em <http://lbdigi.unicamp.br/document/?code=vis000437952>

4] MARIQUELA, M. e SOUZA, R. "Sexualidade e Diferenças no Cotidiano Escolar: Por uma Filosofia Curiosa de Si". In: CAMARGO, A.M. e MARIQUELA, M. (orgs.). *Cotidiano Escolar – Emergência e Invenção*. Piracicaba: Jacintho Editores, 2007. p. 113.